



Currículo:

reafirmação de identidade
e pertencimento

Karine Costa do Nascimento

Lucilene Pacheco Santos

Maria Quiteria Afonso Menezes

Currículo: reafirmação de identidade e pertencimento

*Karine Costa do Nascimento*¹⁰⁸

*Lucilene Pacheco Santos*¹⁰⁹

*Maria Quiteria Afonso Menezes*¹¹⁰

RESUMO

Este trabalho objetiva demonstrar o currículo por meio de saberes na reafirmação de identidade e pertencimento. Utilizando a contação de história na prática da Assistência à Docência foi possível uma análise da dialogicidade entre esses aspectos do currículo e o cotidiano das crianças da sala de Educação Infantil na Escola Kanata T-ykua. Os elementos que fazem parte do currículo oficial são diluídos diante de tantos saberes explícitos nas aprendizagens sociais das crianças pequenas e demonstraram no diálogo de contar histórias que o currículo é que sabem e o que vivem, passando de geração para geração, nos permitindo apreender que a construção de conhecimentos a respeito do currículo não escolar, na representação da cultura e identidade Kambeba ocorre por meio de seus saberes e modos de vida.

108 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: kcdn.ped20@uea.edu.br

109 Professora Pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus. E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

110 Vice-líder de Pesquisa do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora do Projeto Assistência à Docência (PAD). Professora Assistente da Escola Normal Superior-UEA. E-mail: mqmenezes@uea.edu.br

Dessa forma, ouvir as histórias deles como prática discente/docente em sala de aula proporcionou a compreensão de currículo na “Kanata” e é um diálogo permanente com o contexto cultural subjetivo que reafirma identidade e pertencimento na representatividade do povo Kambeba.

Palavras-chave: Cultura; Currículo; Identidade; Pertencimento; Contação de histórias.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate the curriculum through knowledge in the reaffirmation of identity and belonging. Using storytelling in the practice of Teaching Assistance, it was possible to analyze the dialogue between these aspects of the curriculum and the daily lives of children in the Kindergarten classroom at the Kanata T-ykua School. The elements that are part of the official curriculum are diluted in the face of so much explicit knowledge in the social learning of young children and demonstrated in the dialogue of storytelling that the curriculum is what they know and what they live, passing from generation to generation, allowing us to apprehend that the construction of knowledge about the non-school curriculum, in the representation of Kambeba culture and identity, occurs through their knowledge and ways of life. In this way, listening to their stories as a student/teacher practice in the classroom provided understanding of the curriculum in “Kanata” and is a permanent dialogue with the subjective cultural context that reaffirms identity and belonging in the representativeness of the Kambeba people.

Keywords: Culture; Curriculum; Identity; Belonging; Storytelling.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho possui como objetivo refletir sobre as construções do currículo na Escola Municipal Indígena Kanata T-ykua, no processo de reafirmação de identidade e pertencimento, levando em consideração a contação de histórias como uma ação específica desenvolvida no fazer da assistência à docência. Tendo em vista um currículo vivo que possui aspectos que cultivam características subjetivas, o pensar/agir/viver na comunidade Três Unidos, localiza-se no Rio Cueiras afluente à margem esquerda do Rio Negro e abriga outras comunidades indígenas: Nova Esperança, Boa Esperança, Terra Preta e São Tomé com a presença marcante dos povos Kambeba, Baniwa, Tukano, Tikuna, Mura, Baré, Sateré-Mauwé e Karapãna.

É neste contexto de territorialidade ancestral de diferentes povos com paneiro e canoas cheias de diversidade cultural na dialogicidade entre a valorização dos diferentes conhecimentos juntamente com a interação dos saberes científicos universais que descreveremos o fazer/ser professoral experienciando a viagem até a escola, o chegar à comunidade, a escola, a sala de aula, as crianças/estudantes e o currículo.

Além disso, analisaremos reflexões a partir de concepções sobre identidade, representação, alteridade e interculturalidade na contribuição para as aprendizagens sociais, levando em consideração as experiências de vida e o experienciar da cultura na escola “Kanata”.

O HORIZONTE É O OBJETIVO, O CAMINHO ATÉ AQUI...

A educação sempre esteve muito presente na minha vida, apesar de não ter sido tão incentivada pelas pessoas que convivem junto comigo no começo; a família, no geral, está repleta de professores, pedagogos e diretores. A Licenciatura esteve como opção de curso desde os primeiros pensamentos sobre a inscrição na Universidade; primeiramente, pensei em Licenciatura em História, mas com o

decorrer do tempo, decidi pela Licenciatura em Pedagogia pelo amplo leque de possibilidades que nela há.

No decorrer do curso, no 5º período, soube da possibilidade de uma vaga por meio de um professor e uma ex-estagiária sobre o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE); realizei uma entrevista e fui selecionada para uma vaga no Projeto Assistência à Docência (PAD) pelo turno matutino. Esse laboratório é uma grande interlocução entre diferentes licenciaturas que realizam práticas no cotidiano de sala de aula. É impossível não haver uma desconstrução do ser individual nesse processo de constante aprendizado.

O PAD me proporcionou algo que a Universidade não mostra em sua grade curricular, que são as realidades mais variadas possíveis. No projeto, me vejo como uma aprendiz, pois é a partir dele, que no processo de formação de identidade docente tenho a minha base. Ao ingressarmos no projeto, temos acesso aos diálogos em diferentes campos do conhecimento.

No meu processo de formação docente, os conhecimentos adquiridos ao longo desta trajetória na assistência à docência proporcionam uma mudança de comportamento, mentalidade, atuação e prática de ser professora. Paulo Freire (1997) define sublimemente esse processo quando afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p. 25). E é isso que nos é mostrado em nossas práticas do cotidiano nas escolas, tudo é conhecimento.

Ademais, no projeto sinto-me acolhida como pessoa, aprendiz e membro de uma família na qual as partes se integram entre saberes do conviver e da profissionalização docente. A assistência à docência muda vidas, percepções, prepara futuros(as) professores(as) que buscam um “professorar” mais humano, vivendo a profissão com intensidade, entrega e superação de limites do cotidiano, se libertando dos excessos, aparando as arestas, para que assim haja um viver consciente com um posicionamento crítico, margeando dessa forma uma postura ética e verdadeiramente humana em nossa docência.

QUE CURRÍCULO É ESTE NA ESCOLA INDÍGENA KANATA T-YKUA?

Iniciamos com este sentimento indagativo porque, quando realizamos a assistência na escola Indígena Municipal Kanata T-ykua, que é localizada no Rio Cuieiras, Comunidade indígena Três Unidos do povo Omágua/Kambeba nos deparamos na realidade de um lugar e tempo correlacionados com a história de um povo. Nos trechos de algumas estrofes da poesia: Ser Indígena - Ser Omágua de Kambeba (2013, p. 296), iniciamos um remar nas reflexões que nos encaminham ao sentido poético sobre o Povo Omágua/Kambeba.

SER INDÍGENA – SER OMÁGUA

Trago em meu peito, as dores e as alegrias do povo Kambeba e na alma, a força de reafirmar a nossa identidade, que há tempo fico esquecida, diluída na história. Mas hoje, revivo e resgato a chama ancestral de nossa memória.

Sou Kambeba e existo sim:

No toque de todos tambores, na força de todos os arcos, no sangue derramado que ainda colore essa terra que é nossa.

Nossa dança guerreira tem começo, mas não tem fim!

Foi a partir de uma gota d'água que o sopro da vida gerou o povo Omágua. E na dança dos tempos pajés e curacas mantêm a palavra dos espíritos da mata, refúgio e morada do povo cabeça-chata.

Gotas d'água que enchem rios de esperança na reafirmação de identidade de um povo que resgata a ancestralidade nas memórias. Diante disso, nos conflitamos com o currículo escolar elaborado pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED)/Manaus, que define o tempo e estabelece os objetivos educacionais a partir dos conteúdos de ensino e orientações metodológicas que estão relacionados ao processo de ensino e aprendizagem nas escolas urbanas.

Neste sentido, o currículo implementado na Escola Kanata T-ykua é um território de saberes “lugar de saber sagrado”, onde a música, a cultura, as plantas medicinais, a casa de farinha, os artesanatos compõem a identidade que é representada na espiritualidade do povo que em/na prática milenar convive com a natureza e radia os saberes que mantêm viva a memória coletiva com a língua materna. E nos leva à compreensão do que é o currículo para a escola “Kanata” de acordo com a perspectiva de Kambeba (2020):

São narrativas inspiradas nas histórias contadas pelo avô ou pelos anciões ou com base na própria experiência de vida seja na aldeia, seja na cidade. a escrita é o desenho da memória, do tempo da história. por ela aprendemos partilhamos saberes, traduzimos sentimentos guardados no coração (...) tudo se traduz em ensinamentos: a remada, é a aula mais gostosa tem seguidas do banho de rio. ouvir as vozes da floresta é a aula primeira identificar o que cada ser da floresta quer dizer com o seu canto. o canto dos guaribas que por ser assustador é tido como prenúncio ruim (não paginado).

A mesma autora complementa:

As crianças gostam do contato com a água desde pequenas, pescam, interagem de diversas formas com o rio. Brincando assim elas aprendem, aprimoram sua relação de confiança com a natureza e se fortalecem como pessoas num ensino/aprendizagem em que não existe o falar, mas sim o sentir. (...) Por essa razão o rio tem o espírito, é encarte formador de

educação que não obedece a um curriculum escolar. Ele criou a sua própria pedagogia, que se faz sentir no balançar das ondas do corpo desnudo, na pele encauchada do sol de verão. Esse ensino as aldeias respeitam, os povos entendem numa conversa de mundo, entes, de ancestralidade (não paginado).

Retomamos ao que foi dito na parte inicial a respeito do fazer/ser professoral relatando as vivências:

O PERCURSO DA VIAGEM

Em dias de atuação do PAD na escola indígena, a rotina era diferente, a logística da viagem em duas etapas: primeiramente no transporte pela Van cedida pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) até o porto Marina do Davi no bairro da Ponta Negra em Manaus/AM, depois o segundo trecho na lancha da Polícia Ambiental que conduz até a comunidade. O tempo do trajeto depende da velocidade da lancha. Em linhas gerais é uma viagem que dura cerca de uma hora e 30 minutos em lancha de alta velocidade; porém, apesar do tempo longo do trajeto, o contato com o ar puro trazia uma sensação de leveza e tranquilidade, que se completava ao belo da floresta que margeia o Rio Negro até adentrarmos ao alfunte Rio Cueiras para chegarmos até a comunidade.

O LUGAR – COMUNIDADE TRÊS UNIDOS

Quando chegamos à comunidade era 10 de março de 2022, o nível das águas bem próximo ao cemitério. Avistávamos cruces que marcam os túmulos e passamos por um caminho até chegar à escola, aquele momento significou respeito, silêncio e muitas perguntas, as principais: que escola é esta? Como é o fazer da assistência neste lugar? Ao mesmo tempo no borbulhar das curiosidades observávamos nas árvores, a marca da cheia do rio e imaginamos sobre a subida e descida das águas no Rio Negro.

A ESCOLA, A SALA DE AULA E OS SABERES TRADICIONAIS

Por conta da logística em relação ao deslocamento, ao chegarmos na escola, dispúnhamos de um tempo reduzido se comparado ao tempo comum de atuação do PAD nas escolas urbanas. Eram 9h15 da manhã quando dissemos: bom dia! E, eles responderam: Katu Xisi. Mesmo sem compreender o significado ficou subentendido que estavam respondendo à nossa saudação. A sala com o número reduzido de crianças, onde as práticas de assistência são balizadas pelo que professores e professoras deixam em sala para serem desdobradas e/ou ressignificadas. Na escola Kanata - as atividades sempre partiram do cotidiano e das vivências da turma.

No hábito de receber uma rotina a ser cumprida ou desdobrada nas escolas urbanas as quais fazem parte do Projeto OFS, na escola “Kanata”, as mãos vazias de atividades, mas imersa num contexto pulverizado de tantas singularidades: a viagem pelo Rio Negro, o caminhar do porto de chegada até a escola, a sala de aula, as crianças, o material pedagógico disposto e o sentimento de busca: o que faremos? por onde começar? Naquela realidade escolar avistamos uma pequena canoa com os livros e a liberdade das crianças, uma pescaria, tartarugas de madeira, desenhos pintados pelas crianças e materiais pedagógicos que remetiam à cultura Kambeba, como os nomes das crianças e dos animais escritos na língua materna. Breves (2013) descreve que:

Os conhecimentos tradicionais são adquiridos na prática diária dos diferentes campos da vida social do povo, isto é, aprende-se fazendo no cotidiano, por gerações, repetindo, reforçando, modificando e, se necessário, abandonando conhecimentos, pois podem ocorrer mudanças nas condições de produção, aplicação e transmissão (p. 73).

A realização das atividades aconteceu na área interna e externa da sala de aula, depois as crianças correram para o refeitório para o almoço que iniciou às 10h30 com um sininho bem pequeno que tocava suavemente, totalmente diferente da sirene estridente das escolas urbanas. O prato com o almoço dos/as estudantes fica na mesa e as três turmas: Educação Infantil, 1º e 2º ano e 3º ao 5º ano seguiram ao mesmo tempo para o momento da refeição. Depois de almoçarem, ainda antes das 11 horas retornam às salas, deitam ao chão e aguardam o horário que saem sozinhos(as) para suas casas.

Um ponto a ressaltar é a autonomia das crianças em ir e vir à escola sem os medos que cercam a escola urbana. Algumas vezes caminhamos pela comunidade, mostravam suas casas, gostavam de brincar e de tomar banho de rio. Seria este o currículo que ficávamos à procura de entendermos? Em resposta ao questionamento são aquelas experiências:

[...] escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos/as estudantes. Currículo associa-se, assim, ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções educativas (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 18).

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO FERRAMENTA PARA REAFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

A construção de um currículo não está ligada somente a ideais de organização escolar, mas parte de uma dialogicidade com o contexto cultural em que ele está inserido. Na vivência da assistência à docência, pode-se observar características desse diálogo entre prática e cotidiano na escola Kanata T-ykua, sendo inseridos na construção do currículo, práticas específicas que levam em consideração os recursos naturais e a herança cultural correspondentes àquela comunidade.

No PAD, há a comunhão com as diferenças de culturas, juntamente com o entendimento de que é uma afirmação que na troca de saberes se enriquece com as diferentes licenciaturas; por esse motivo, nas atividades para as crianças da Educação Infantil na Escola Indígena levou-se unicamente em consideração a valorização dos diferentes conhecimentos, saberes e modos de vida do povo Kambeba.

[...] as identidades são constituídas dentro e fora do discurso (e) nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica naturalmente constituída, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional [...] (HALL, 2014, p. 109-110).

Pensar um currículo a partir da cultura daquele povo específico, significa dialogar e refletir a partir da diversidade, pois os currículos são pensados a partir da interação entre saberes locais e culturais e saberes científicos universais. Nas observações feitas como assistente à docência, pôde-se observar que demonstram dialogicidade na sala da Educação Infantil, onde os desenhos e recursos pedagógicos utilizados pelas professoras, e objetos de organização da sala que são representações que nos remetem a conhecer e compreender sobre a cultura do povo Kambeba.

A partir dessa dialogicidade entre a cultura e o currículo, enfatizamos uma atividade que ocorreu durante nossa ida à escola no dia 10/03/2023; naquele dia, ocorreram diversos imprevistos que contribuíram para a escrita do relato. Tais como uma troca de lanchas no meio do Rio Negro¹¹¹, a primeira vez em uma comunidade, escola e sala de aula de um povo originário.

111 Houve a troca de lancha da Polícia Ambiental, porque a gasolina não era suficiente para a viagem completa ao Rio Cuieiras de ida e volta.

Foi um dia de contação de história do livro “Fábulas e Apólogos da Amazônia”, de Creuza Barbosa e Adriana Barbosa Silva; esse livro incentiva, a partir das leituras, a amar e valorizar a natureza, trazendo como valores respeito ao próximo e à cultura regional, o que sempre se busca demonstrar às crianças a partir das atividades pensadas para se trabalhar com elas.

Como já dito anteriormente, a construção do conhecimento é adquirida desde o momento da ida até a escola; com um olhar de pesquisador da educação atento é possível perceber detalhes importantes na concepção de um processo de observação; ao chegarmos na escola, devido aos imprevistos limitou-se o tempo de atuação docente, sendo assim, as atividades envolveram a dialogicidade permitindo a construção de um vínculo com as crianças, pois ensinar não é somente transmitir conhecimento, mas sim a criação de possibilidades para a sua construção.

Iniciar ouvindo as histórias deles foi o diálogo possível com as crianças. Depois das escutas, também contamos “A Floresta e a motosserra” momento que as crianças conectaram ao seu cotidiano, ressignificaram a atuação docente, “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferida de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1980, p. 69).

A reafirmação de identidade, na Educação Infantil com a as histórias narradas por eles faz parte do processo desenvolvimento, que denota que os mais velhos na comunidade repassam conhecimentos sobre o pescar, fazer farinha, o tempo da cheia do rio e outros saberes específicos. Faria (2017) enfatiza:

A contação de histórias é uma prática essencial para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, que desde pequena sente a necessidade de vivenciar seus sonhos, suas fantasias e seus encantos por meio da arte. É na infância que se constroem as primeiras experiências de vida que subsidiarão a formação do caráter, da personalidade e da consciência. Nesse sentido, a criança deve ser inserida em

uma cultura que o estimule o pensar, o sentir, o expressar e o experienciar, fatores que são componentes da contação de histórias e que despertam a sensibilidade, a emoção e o autoconhecimento, na mesma medida em que a ensina, instrui e a prepara para a vida” (p. 35).

Nessa perspectiva, a Educação Escolar Indígena, quando se pensa em currículo como reafirmação de identidade e pertencimento, deve-se levar em consideração as ações específicas que podem ser desenvolvidas, observando a realidade e os aspectos curriculares do cotidiano, trazendo dessa forma, elementos que conversem com o meio ao qual pertencem, ou seja, o currículo livre que permita aprendizagens constituídas de vivências em todos aspectos do ambiente escolar que, “sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (SILVA, 2003, p. 78). Na escola Kanata T-ykua, as atividades não-pensadas pelos assistentes à docência, visam experienciar com as crianças a cultura delas, sem levar nada pronto em exercícios xerocopiados.

Ao realizarmos a atividade de ouvir e contar histórias, foram trabalhados aspectos que visam a valorização e o fortalecimento das crianças quanto à sua relação com a natureza, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2010) que apresenta as seguintes definições:

Educação Infantil: Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados (...)

Criança: Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Currículo: Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (p. 12).

Diante disso, e com as múltiplas linguagens da Educação Infantil, a contação de histórias explora a subjetividade, envolvendo as crianças em um mundo imaginário e ao encantamento. E trabalha a aproximação da criança com a linguagem verbal, favorecendo o desenvolvimento de aspectos da criatividade e autonomia.

Neste viés, a atividade foi realizada primeiramente organizando as crianças em forma de meia-lua de maneira que todas pudessem visualizar as imagens ilustradas no livro já mencionado. A história que deu início à atividade foi “A Floresta e a Motosserra” que explora com as crianças, o cuidado e respeito trazendo um diálogo de responsabilidade com o meio ambiente. A partir da conversa entre esses elementos temáticos da história, as crianças identificaram o açaí, o buriti, o bem-te-vi, o jaraqui, o tambaqui, o tucumã, a pupunha, a onça-pintada, a canoa, o barco. Nada do que foi apresentado era novidade para eles, outras histórias foram contadas pelas crianças levando em consideração aspectos culturais e subjetivos do meio em que vivem, associado à curiosidade e ao “eu sei, eu conheço, eu gosto de açaí, eu via a onça...” outras vozes na história da contação de histórias.

Figura 1- Ouvir e contar histórias



Arquivo: LEPETE/ 2022

APRENDIZAGEM E COMPREENSÃO SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A leitura é um caminho mágico-rico de histórias, vivências e aprendizagens. Como uma viagem, atravessamos o mar de palavras de um livro e, ao chegarmos ao término da travessia, já não somos mais os mesmos. Cores, cheiros, saberes e encantamentos crescem-se ao que somos.¹¹²

Participamos de uma formação nos dias 23 de maio e 6 de junho sobre contação de histórias na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM). A formação foi ministrada pela professora Adriana Barbosa que iniciou com histórias da obra: *Fábulas e apólogos da Amazônia*, de Barbosa (2013), e teve como objetivo, refletir que o contar história é uma arte, não consiste somente em ler de qualquer forma, mas sim, entrar no personagem, imaginar quem está ouvindo a história, desta forma despertando elementos da imaginação no ato de contar e ouvir histórias.

A formação aconteceu em dois dias; no primeiro dia de formação, havia em sala, vários elementos que remetiam à nossa região: um remo e bichos de pelúcia todos despojados em cima de um pano verde. Sentamos em formato de círculo, de maneira que iniciamos a formação conversando sobre as histórias que ouvíamos quando crianças, sendo elas contadas por familiares ou amigos que mencionaram mitos e lendas da região amazônica. Após esse momento foi passado aos AD que fizessem uma caixa de elementos para a contação de histórias, o tema foi livre e a caixa seria apresentada no segundo encontro formativo.

O segundo encontro formativo iniciou com a apresentação da caixa/história, onde foi explorado o potencial criativo e imaginário que oportunizou o desenvolvimento de narração, a expressão oral, a leitura em voz alta, representação teatral a qual aprimoramos a nossa capacidade de comunicação por meio da contação de histórias, que

112 Tenório Telles. BARBOSA, Creuza Ferreira. 2021.

permite a exploração de diferentes temas relevantes para o currículo escolar, com adaptações significativas em práticas pedagógicas de ler e contar histórias que propiciam aprendizados importantes durante o fazer da assistência em sala de aula. Neste sentido, mencionamos Neder (2009):

A Contação de Histórias é uma estratégia pedagógica que pode contribuir de forma significativa na prática docente. Embora essa atividade possa parecer nada mais que uma oportunidade de distrair e acalmar crianças, no que é bastante eficiente, seus efeitos vão muito além do entretenimento. Ouvir histórias estimula a imaginação, educa, instrui e desenvolve as habilidades cognitivas, além de fornecer o ponto de partida para se introduzir o conteúdo programático. O momento da contação de histórias deve, portanto, ser bem aproveitado. (...) explorar essa arte com criatividade e beleza, de modo a instigar a imaginação das crianças; desenvolver a oralidade - quando oferecer a elas a oportunidade de interagir com a história contada; sugerir o reconto, que propicia um momento de conhecer a percepção dos alunos, explorar e ampliar seus conhecimentos linguísticos; e favorecer a aprendizagem em diferentes disciplinas, ao abordar temas relacionados aos conteúdos estudados e de interesse dos alunos, de modo interdisciplinar, de uma riqueza singular (p. 62).

Fazem parte de uma construção de significados, o ambiente, a leitura na formação docente para lembrar que “quem conta um conto aumenta um ponto” e a imaginação seja aguçada construindo novas percepções criativas e imaginárias:

O ato de contar histórias instrui, socializa e diverte as crianças. É uma ferramenta que desperta o interesse pela leitura, ajuda no desenvolvimento psicológico e moral, auxiliando na manutenção da saúde mental das crianças em fase de desenvolvimento, amplia o vocabulário e o mundo das ideias, desenvolvendo a linguagem e o pensamento, trabalha a atenção, a memória e a reflexão, desperta a

sensibilidade, a descoberta da identidade, adapta as crianças ao meio ambiente, assim como desenvolve funções cognitivas para o pensamento hipotético e convergente e divergente (CARDOSO, 2013, p. 2).

Dessa forma, pode-se observar que a partir do encontro formativo contação de histórias, apresentou-se de modo lúdico e perceptível, tornando significativo e nos encaminha a reestruturar a compreensão de um currículo pós-estruturalista que aborda sobre identidade, alteridade, subjetividade, representações, cultura e a interculturalidade, conceitos fundamentais para compreendermos a Educação Escolar Indígena, em especial o seu currículo quanto ao processo de reafirmação de identidade e pertencimento.

Figura 2: Oficina de contação de histórias/DDPM



Fonte: Arquivo LEPETE (2022)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escola indígena o currículo é societário, ninguém pensa sozinho, ninguém faz sozinho, pois a partir dele há elementos que possibilitam a reafirmação de identidade e a valorização quanto à sua cultura; diante disso vê-se a importância de entender que o currículo vai além

da esquematização de conteúdos, mas parte de uma dialogicidade com o contexto cultural em que ele está inserido, dessa forma valorizando os diferentes conhecimentos, saberes e modos de vida.

Partindo da ação prática da contação de histórias deles para nós, foi possível um diálogo com os conhecimentos sobre as vivências de cada criança, dessa forma mergulhando naquele ambiente que nos levou a pensar, experienciar, expressar, sentir e compreender a valorização de conhecimentos que não são encontrados em livros didáticos ou currículos escolares.

Os elementos contidos na base deste relato na turma de Educação Infantil, visam principalmente compreender a relação currículo, contação de histórias para crianças Kambeba, percebendo o quanto a relação conhecimentos e saberes ancestrais estão presentes nas Vozes da Floresta de Kambeba (2020, p. 15):

A cigarra contou anunciando o verão
o canto do sapo traz a chuva, tempo de inundação
se andorinha voa baixo, a chuva vem aí
a formiga se agita (...)
Murucutu cantou no galho de pau
logo se pensa em prenúncio doença, tristeza, um mal.
É a natureza falando, tentando um contato ancestral.
Acordar com o canto do sabiá
Conhecem o tempo do vento
a subida e descida das águas
e conviver obedecendo às vozes da floresta

Se a liberdade das crianças é currículo, é importante ressaltar que as experiências do PAD, em Escola Indígena foram determinantes para compreendermos que a interculturalidade dos saberes circulantes na escola Kanata T-ykua - Luz do Saber, é o currículo que fortalece a identidade e também percebemos no trançado da palha do açaí, no artesanato, no grafismo, no banho de rio, nas brincadeiras com

plantinha que fecha as folhas quando passamos as mãos sobre elas, no pendurar-se nas árvores entre tantas outras vivências. Finalmente, afirmar que o olhar aguçado que gerou a escrita deste relato contribuiu significativamente com o conhecimento teórico/prático e científico de quem está aprendendo a docência, em especial na Escola Indígena.

Referências

- BARBOSA, Creuza Ferreira. Adriana Ferreira Barbosa Silva. **Fábulas e apólogos da Amazônia**. 3. ed. Manaus. Editora Valer, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil/ Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso: jul. 2023.
- BREVES, Núbia do Socorro Pinto. **Conhecimento Omágua/Kambeba e a educação em Ciências: Um estudo na Escola Municipal Três Unidos- Aua Kambeba no Rio Cuieiras/ Baixo Rio Negro**. Manaus: UEA, 2013.
- CARDOSO. Ana Lúcia Sanches. FARIA. Moacir Alves. **A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil**. São Roque. 2013.
- FARIA, Inglide Graciele de. et. al. **A Influência da Contação de Histórias na Educação Infantil**. Mediação, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 1 p. 30-48, jan. - dez. 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6368>. Acesso: jun. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4 ed. São Paulo: Moraes 1980.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

KAMBEBA. Márcia Wayna. **Poemas e Crônicas: Ay Kakyri Tama - Eu moro na cidade**. Ed.Gráfica Manaus, 2013.

_____. **Saberes da Floresta**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. orgs.: Janete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. –Brasília: DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb//arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.

NEDER. Divina Lúcia de Souza Medeiros. **importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar**. *Pedagogia em Ação*, v. 1, n. 1, p. 61-64, jan./jun Semestral. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/648/662>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.